

ASPECTOS DA FILOSOFIA DA PRÁXIS: CONTEÚDO E MÉTODO

Natália Regina de Almeida¹
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Email: nataliauerj@yahoo.com.br
Eixo temático: Filosofia da Práxis

Que é filosofia? Qual o papel do ensino de filosofia no âmbito da educação brasileira? A filosofia da práxis inova esse conceito? É a partir do estudo da filosofia da práxis que se insere esse debate, partindo de seu conteúdo e método. O papel da Filosofia, de maneira geral, está na busca pela compreensão do real, de ver o mundo como objeto de práxis. Nessa direção, a reflexão e a prática da filosofia da práxis cumprem sua missão de ser crítica, cuja finalidade é propiciar ao ser social os rumos da história individual e coletiva, de intervir e transformar o mundo de modo criativo e consciente, questionando a própria problemática, objeto, finalidade e método da filosofia. O processo de reflexão da ação, especificamente sobre o seu saber e fazer é de forma objetiva e resumida uma possível explicação para a filosofia da práxis, uma vez que uma filosofia da práxis só pode apresentar-se, inicialmente, em uma atitude polêmica e crítica, como superação da maneira de pensar precedente e do pensamento concreto existente (GRAMSCI, 1995, p. 18). Pensar acerca da filosofia da práxis, na atualidade, nos insere em uma discussão ampla acerca dos significados do que venha ser homem, sociedade, política, ideologia. Em linhas gerais, este trabalho está pautado na pesquisa bibliográfica, principalmente nas contribuições de Antonio Gramsci, Karel Kosik, Karl Marx.

Palavras-chave: Filosofia. Práxis. Educação.

Que é filosofia? Definir, especificamente, o que venha ser filosofia², em seu sentido lato, ou sobre sua tarefa é dizer que filosofia pode ser pergunta ou resposta, que

¹Pedagoga formada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj). Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Uerj (ProPEd) sob orientação da Profª. Drª. Siomara Borba. Componente do grupo de estudos Episteme/ProPEd/Uerj. Bolsista CNPq.

em linhas gerais, como atividade do pensamento enquanto reflexão se transforma em saber através da experiência. Uma experiência não imediata, mas carregada de sentido, que segue rumo à crítica das verdades estabelecidas, uma busca pela compreensão do real. Segundo MARILENA DE SOUSA CHAÚÍ (1997), filosofia, palavra de origem grega, significa amizade pela sabedoria, amor e respeito pelo saber, sendo o filósofo o que ama a sabedoria, que tem amizade pelo saber, e o deseja saber. A referida autora apresenta uma discussão do que venha ser filosofia a partir da definição de pensadores clássicos.

PLATÃO dizia ser a filosofia um saber verdadeiro que deve ser usado em benefício dos seres humanos; RENÉ DESCARTES afirmava que a filosofia é o estudo da sabedoria, conhecimento perfeito de todas as coisas que os humanos podem alcançar para o uso da vida, a conservação da saúde e a invenção das técnicas e das artes; IMMANUEL KANT apresentou a filosofia como o conhecimento que a razão adquire de si mesma para saber o que pode conhecer o que pode fazer, tendo como finalidade a felicidade humana; KARL MARX afirmou que a filosofia havia passado muito tempo apenas contemplando o mundo e que se tratava agora, de conhecê-lo para transformá-lo, transformação que traria justiça, abundância e felicidade para todos.

Além desses pensadores, apresento a definição do pensador marxista ANTONIO GRAMSCI³ (1995, p. 14), que, para este, a filosofia é uma ordem intelectual, o que nem religião nem o senso comum podem ser. É a crítica e a superação da religião e do senso comum e, nesse sentido, coincide com o “bom senso” que se contrapõe ao senso comum. Em suma, é a partir da perspectiva gramsciana que se insere este trabalho.

Ao perguntarmos que é filosofia abrimos portas para outros questionamentos, tais como: quem pode ser considerado filósofo? Existe uma filosofia geral? Para responder tais prossigo com o pensamento de GRAMSCI (1995). Para este pensador todos os homens são “filósofos”, haja vista que a filosofia se encontra presente na

²Há várias maneiras de conceituar o que venha ser filosofia, bem como, sua tarefa. Inicialmente, apresento uma definição geral do que penso ser filosofia. Em seguida, outras elaboradas pelos diferentes pensadores da filosofia clássica, apresentadas na obra de Marilena de Sousa Chauí (1997), e por fim, a de Antonio Gramsci (1995), que é a base teórica deste trabalho, bem como, pensadores do campo do marxismo.

³Antonio Gramsci (1891-1937), nascido em Sardenha, originário de família camponesa, ícone do movimento socialista italiano, dirigente do Partido Comunista Italiano e do jornal da secção socialista de Turim, preso e morto em nome da luta contra o fascismo, trouxe grandes contribuições para o campo do marxismo. GRAMSCI, Antonio. *Concepção Dialética da História*. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

linguagem⁴ que os homens adquirem no meio em que vivem; no senso comum e no bom-senso; na religião popular; e em todos os tipos de crenças, superstições, opiniões, modos de ver e de agir, ou seja, uma “filosofia espontânea” peculiar a “todo mundo”.

É importante frisar que se os homens fazem parte de determinado grupo social, e por isso de certa concepção do mundo na produção histórica, logo, estes poderão participar da formação de tal concepção ou por uma maneira “inculcada”, “determinada” e não crítica ou crítica e conscientemente. Essa problemática de certa forma diz respeito à conformidade humana com vista na formação de ser homens-massa ou homens-coletivos⁵.

Em outras palavras, do momento da crítica e da consciência, sendo a concepção do mundo não crítica, e por consequência, ocasional e desagregada pertenceremos a uma multiplicidade de homens-massa. Por outro lado, sendo a crítica da concepção do mundo, que por sua vez, torna-se unitária e coerente, quer dizer criticar toda a filosofia existente, e tornamos homens-coletivos. Nessa direção, se não houver uma concepção crítica e coerente como seremos filósofos?

No sentido mais imediato e determinado, não podemos ser filósofos – isto é, ter uma concepção do mundo criticamente coerente – sem a consciência de nossa historicidade, da fase de desenvolvimento por ela representada e do fato de que ela está em contradição com outras concepções ou com elementos de outras concepções. A própria concepção do mundo responde a determinados problemas colocados pela realidade, que são bem determinados e “originais” em sua atualidade (GRAMSCI, 1995, p. 13).

É notório, partindo da concepção gramsciana, que a historicidade é condição fundamental para a crítica da concepção do mundo, no entanto para além da consciência de nossa historicidade, KARL MARX & FRIEDRICH ENGELS (1984, p. 111), asseveram que os filósofos tem apenas interpretado o mundo de maneiras diferentes, a questão é transformá-lo. Desta maneira, a filosofia não deixa de ser a história concreta dos homens, o que nas palavras de KAREL KOSIK (1976, p.229), é o homem concreto analisando sua condição concreta, como ser de práxis, no sentido de atividade livre, universal, criativa e autocriativo, por meio do qual produz e transforma o mundo histórico e a si mesmo como sujeito de vida e de ação.

⁴Para GRAMSCI se é verdade que toda linguagem contém os elementos de uma concepção de mundo e de uma cultura, será igualmente verdade que, a partir de cada um, é possível julgar da maior ou menor complexidade da sua concepção de mundo. *Idem*, p.12.

⁵ *Ibidem*.

Essa perspectiva nos auxilia na resposta ao questionamento se existe uma filosofia geral, onde respondo que se os homens possuem o poder de decisão para fazer escolhas das concepções do mundo, por consequência, implicará na inexistência de uma filosofia geral. Ao falar da inexistência de uma filosofia geral, parto da premissa que a filosofia não está desvinculada da história dos homens, assim como da política⁶, de fatos políticos de cada época dentro de concepções do mundo ou correntes da filosofia, cabendo assim a história da filosofia a elaboração destas dentro de contextos culturais próprios.

De acordo com a perspectiva gramsciana, um movimento filosófico só ganharia destaque se propiciasse ao ser social os rumos da história individual e coletiva, de intervir e transformar o mundo de modo criativo e consciente, questionando a própria problemática, objeto, finalidade e método da filosofia, o que em Gramsci seria propiciado pela filosofia da práxis. Destaco, a partir de GIOVANNI SEMERARO (2005, p. 29) que Gramsci deixa claro que os “fundadores da filosofia da práxis” são Marx, Engels e Lênin (Q 11, 1436; Q 16, 1856)⁷ e, em continuidade com o pensamento por eles inaugurado, procura, principalmente nos Q10 e 11, aprofundar e conferir novos desdobramentos à filosofia marxista.

Em se tratando do conteúdo ou do que trata a filosofia da práxis, GRAMSCI (1995, p. 18), afirma que uma filosofia da práxis só pode apresentar-se, inicialmente, em uma atitude polêmica e crítica, como superação da maneira de pensar precedente e do pensamento concreto existente. Nesse sentido, a filosofia da práxis inova o conceito de filosofia? Respondo ao questionamento de maneira afirmativa, pois a filosofia não será meramente contemplativa, mas um complexo de transformações homem-natureza e homem-homem, apresentando caráter de divergências, e as contradições do mundo. MARTELLI (1996) *apud* SEMERARO (2005, p.30) caracteriza a abrangência da filosofia da práxis em três aspectos inseparáveis: técnico-produtiva, científico-experimental e histórico-política.

A filosofia da práxis visa à reflexão sobre as ações humanas, especificamente, sobre seu saber e fazer, o que significa para ADOLFO SÁNCHEZ VÁZQUEZ (1977,

⁶GRAMSCI (1995, p. 40), diz que o verdadeiro filósofo é – e não pode deixar de ser – nada mais do que o político, isto é, o homem ativo que modifica o ambiente, entendido por ambiente o conjunto das relações de que o indivíduo faz parte.

⁷Os Cadernos do cárcere (Quaderni del carcere) de Gramsci (1975), são indicados pela letra Q. Segundo SEMERARO (2005, p. 29), a locução “filosofia da práxis” vai gradativamente substituindo a expressão “materialismo histórico”.

p.163), teorizar sobre a prática, assim como ser crítica teórica das teorias que justificam a não transformação do mundo, e como teoria das condições e possibilidade de ação, que proporciona a participação popular, a dinâmica e a visão de totalidade. Desta maneira, a filosofia da práxis, seu conteúdo e método, é uma possibilidade de abordarmos os problemas da história, da sociedade e do próprio homem, uma vez que, a mesma se pauta na contradição, no conflito, na história, na totalidade, em oposição a toda filosofia “especulativa”.

Neste momento, após ter apresentado brevemente a filosofia da práxis, prossigo a perguntar sobre o papel do ensino de filosofia no âmbito da educação brasileira. Antes de tentar apresentar resposta ante essa pergunta, é importante abrir um parêntese para dizer que para GRAMSCI (1995), a estrutura e a superestrutura formam um bloco histórico, um conjunto contraditório das superestruturas como reflexo do conjunto das relações sociais de produção, de onde decorre um sistema totalitário de ideologias, ou seja, hegemonia. Assim, em Gramsci, filosofia é hegemonia que se faz pela luta política entre classes. Discutir sobre a escola, é também falar de hegemonia.

A escola, mediante o que ensina, luta contra o folclore, contra todas as sedimentações tradicionais de concepções do mundo, a fim de difundir uma concepção mais moderna, cujos elementos primitivos e fundamentais são dados pela aprendizagem da existência de leis naturais como algo objetivo e rebelde, às quais é preciso adaptar-se para dominá-las, bem como de leis civis e estatais que são produtos de uma atividade humana estabelecida pelo homem e podem ser por ele modificadas visando a seu desenvolvimento coletivo. (GRAMSCI, 1982, p.130).

A filosofia da práxis, com vista à transformação da mentalidade humana, passa, também, pela escola, como instrumento de transformação social. O ensino de filosofia, nesse sentido, deve possuir objetivos que permitam aos educandos experimentar o potencial crítico e criativo do pensar, considerando a crítica. O educador também deve ser educado, para tal, o conteúdo e objetivos da filosofia da práxis é o ponto nodal para tal. Nas palavras de MARX (2000, p. 40), o método que consiste em elevar-se do abstrato ao concreto *não é senão a maneira de proceder do pensamento* para se apropriar do concreto, para reproduzi-lo como concreto pensado. Esse é o ponto chave.

Por fim, esse trabalho teve por objetivo apresentar brevemente a filosofia da práxis como uma concepção inovadora no que tange uma nova cultura que pode ser gerada mediante as relações sociais. Um engajamento teórico mais aprofundando se faz necessário no que diz respeito a uma escrita mais elaborada.

Referências bibliográficas:

CHAUÍ, Marilena de Sousa. *Convite à filosofia*. 9ª ed. São Paulo: Ática, 1997.

GRAMSCI, Antonio. *Os Intelectuais e a organização da cultura*. 4. ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

_____. *Concepção Dialética da História*. 10. ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. São Paulo: Paz e Terra, 1976.

MARX, Karl. & ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Editora Moraes, 1984.

MARX, Karl. *Introdução à crítica da economia política*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

SEMERARO, Giovanni. Filosofia da práxis e (neo)pragmatismo. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 29, p. 28-39, 2005.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Filosofia da práxis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.